

RE: Relatos que inspiram



Em 2021, o país parou para assistir e admirar os atletas paralímpicos. Sem dúvidas, eles, que são campeões no esporte e na vida, serviram de inspiração e motivação para milhares de crianças e adolescentes. Nesta edição, aproveitamos a realização do maior evento desportivo do mundo para apresentar dois projetos que têm como objetivo a inclusão de PCDs e a conscientização da sociedade por meio das aulas de Educação Física.

O ESPORTE UTILIZADO COMO FERRAMENTA DE VALORES E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Atuar como agente de transformação social, utilizando o esporte como ferramenta auxiliar na construção de valores morais e habilidades socioemocionais. Esse é um dos objetivos do Programa Esporte e Arte do Parque, iniciado em agosto pela Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer (Secel) de Jaraguá do Sul, em Santa Catarina.

Com o foco voltado para crianças e adolescentes de 8 a 14 anos, o programa disponibiliza aulas gratuitas de iniciação esportiva no Parque da Inovação e no Parque Linear Via Verde, orientadas por profissionais do Programa Bolsa Desportiva Municipal e por servidores da secretaria com formação na área de Educação Física.



Na última semana de setembro, o Coordenador de Atletismo, Caius Ananda Xavier dos Santos [CREF 002807-G/SC] e o Coordenador do Parque da Inovação, Mateus Conzati, ministraram uma aula com simulação de condições de mobilidade reduzida, tanto temporária, como avanço da idade, acidentes, cirurgias, bem como as limitações permanentes, no caso de pessoas com deficiência física.

As atividades incluíram tornozeleira com pesos simulando a situação das pessoas idosas, cadeiras de rodas, muletas e óculos propositalmente embaçados. "É preciso pensar fora da 'caixinha' e proporcionar novas experiências às crianças e atletas iniciantes, para que tenham uma maior



consciência social. O esporte transforma vidas e não é só pelo fato de tornar as pessoas mais saudáveis fisicamente. Há uma transformação por meio dos valores que o esporte nos ensina, como espírito de equipe, respeito aos treinadores, ética e todos os aspectos de formação de um verdadeiro cidadão”.

Os obstáculos simularam situações encontradas diariamente pelas pessoas com problema de mobilidade reduzida e a reação das crianças foi de espanto diante das dificuldades enfrentadas.



"O esporte transforma vidas e não é só pelo fato de tornar as pessoas mais saudáveis fisicamente. Há uma transformação por meio dos valores que o esporte nos ensina"

"O principal objetivo do programa Arte e Esporte no Parque é ampliar as ações da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer (Secel) junto à comunidade, exercendo um papel de agente auxiliar de transformação social, por meio do esporte, da cultura e do lazer. A forma lúdica facilita o aprendizado de lições de conduta social, respeito e inclusão para nossas crianças e jovens", declara a Secretária de Cultura, Esporte e Lazer Natália Lúcia Petry, que é formada em Educação Física.

"Deixamos os últimos minutos da aula para ouvirmos os alunos e foi muito positivo perceber que se alinharmos a teoria com a prática, oferecer e oportunizar diversas formas de vivências, talvez tenhamos uma sociedade mais justa e consciente, pois nenhum deles havia vivenciado algo semelhante", complementou Caius.

(Com informações da Prefeitura de Jaraguá do Sul)

ATIVIDADE INCLUSIVA AUMENTOU INTERESSE DE ALUNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao perceber que apesar de mudanças contínuas de estímulos, diferentes perfis de alunos permaneciam alheios às atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física, o professor Geraldo Luiz de Toledo Costa [CREF 012048-G/SP], em parceria com a professora Lenisa Alzira Caçador Costa [CREF 107204-G/SP], resolveu investigar a fundo os motivos.

Para incluir os alunos menos participativos, o professor decidiu trabalhar com esportes não convencionais na EMEF Bartolomeu Lourenço de Gusmão, em São Paulo. Escolheu, então, as seguintes modalidades: freesby, bocha,

Professor Geraldo Luiz de Toledo Costa [CREF 012048-G/SP]

voleibol sentado e basquetebol em cadeiras de rodas (nesta modalidade usou-se colchonetes substituindo as cadeiras, onde os alunos não poderiam utilizar os membros inferiores para locomoção). A escolha de uma modalidade onde as qualidades estivessem iguais, que as habilidades físicas como força e destreza não se tornassem um fator decisivo nos resultados, levou ao ensino da bocha.



Colchões, bolas de handebol e bolinhas de tênis foram adaptados para que os gestos e a prática das regras da modalidade pudessem ser aplicados junto aos alunos.

“Num primeiro momento, foram criadas as canchas com dimensões aproximadas às oficiais para se jogar o esporte. Os alunos foram trazidos, apresentados ao local de jogo, onde pudemos observar comentários como ‘isto é jogo de velho’. Mas, após iniciarmos o trabalho de ensino prático, as opiniões começaram a mudar”, explica Geraldo.

"Os alunos foram trazidos, apresentados ao local de jogo, onde pudemos observar comentários como 'isto é jogo de velho'. Mas, após iniciarmos o trabalho de ensino prático, as opiniões começaram a mudar"

Diante deste novo desafio, alguns alunos se destacaram em sua realização. “As meninas dos oitavos anos e alguns alunos PCDs. Os últimos se destacaram acima da média, como uma aluna portadora de deficiência auditiva e um aluno com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)”, indica.

Foi observado, então, a mudança do perfil dos participantes e o aumento de interesse dos alunos a partir do momento que perceberam ser necessário desenvolver apenas duas qualidades predominantes: concentração e sensibilidade. Deste modo, igualavam-se as chances de sucesso ou resultados sobre os ditos “atletas”. De acordo com o professor, aqueles alunos que se excluíam das atividades esportivas passaram a se integrar, participando dessa atividade e de outras que posteriormente foram aplicadas.

Com isso, o professor chegou à conclusão que a oferta de atividades adaptadas, que possibilitam a inclusão e participação em condição de igualdade, aumentou a participação e o nível de interesse de todos os alunos. “É certamente aceito por todos por saberem não haver nenhum tipo de discriminação ou favorecimento”.

As atividades, realizadas em 2019, envolveu alunos do ensino fundamental II, do 6º aos 9º anos, atingindo cerca de 300 crianças e adolescentes.

ENVIE A SUA EXPERIÊNCIA
Nós queremos conhecer a sua experiência, seja ela na escola, academia, hospital, clube ou qualquer outro segmento.
Envie o seu relato para o e-mail revistaef@confef.org.br e teremos o maior prazer em compartilhá-lo.
